

# As classes sociais e a saúde das massas

(Ensaio de sociologia e biometria diferencial)

GUERREIRO RAMOS

A CLASSE social é uma realidade que todo homem sente em sua carne e em seu espírito. Ela se interioriza sob a forma de hábitos, atitudes, opiniões, crenças, gostos e se exterioriza sob a forma de vestimenta, habitação, alimentação e uma multidão de outros objetos. Ela penetra, atravessa o homem, para falar uma linguagem frobeniana.

A todo momento, o indivíduo está fazendo a verificação da existência das classes sociais. Nos veículos, nas ruas, nos cafés, nos restaurantes, nas salas de diversão, em toda parte em que várias pessoas transitam ou se reúnem, elas são facilmente perceptíveis. Certo vocabulário, certa inflexão de voz, certa postura do corpo, vestes, gestos nos dão sempre a pista certa da classe de um indivíduo.

Numerosos estudos têm demonstrado a sociedade que há uma psicologia e uma sociologia diferencial das classes sociais. Um psicólogo, por exemplo, estudou a alma da criança proletária, como um espécime humano diferente da alma da criança burguesa. Spranger, em seu famoso trabalho, *Psicologia da Idade Juvenil*, chama a atenção para as diferenças psicológicas específicas entre os jovens das várias classes. Richard Centers, em seu recente *The Psychology of Social Classes*, retomou brilhantemente o estudo dos aspectos psicológicos diferenciais das classes sociais de maneira mais ampla. Alguns sociólogos têm feito notar a tendência para o ceticismo entre as classes altas. Outros, como Niceforo, a insensibilidade moral das classes inferiores. E Halbwachs, em seu trabalho magistral, *La classe ouvrière et les niveaux de vie*, concluiu que a classe proletária é "des-socializada" "em virtude da natureza mecânica e socialmente isolada de seu trabalho, expressa na pequena porcentagem da renda total gasta em aluguel (1)".

Todavia, os sinais exteriores das classes sociais são mais evidentes. Na estação fria, é perfeitamente habitual que uma jovem residente em um bairro rico se dirija ao cinema local abrigada num casaco de peles. No subúrbio, porém, ainda que o tempo esteja frio, o fato despertaria grande atenção. Cuspir no chão é um hábito freqüente das classes inferiores e excepcional nas classes altas. Muitos pesquisadores autorizados têm con-

firmado que os tipos de mais bela compleição física se encontram mais freqüentemente nas classes altas do que nas classes inferiores.

Frédéric Le Play, o fundador da sociologia do orçamento familiar, observou que a família burguesa costumava ser emancipada dos usos, costumes e tradições locais. E, em suas vestimentas, em sua habitação, em sua alimentação, em suas ideias, mais cosmopolita do que local. Por este motivo, para fins de estudos monográficos, deveria ser utilizada a família operária, por ser mais representativa do ambiente local, uma vez que mais dependente de suas idiossincrasias.

O estudo das classes sociais é particularmente importante numa era democrática como a nossa. A resolução do grande número dos atuais problemas sociais depende de uma exata compreensão das raízes da desigualdade social. Neste trabalho, estudaremos os aspectos diferenciais das classes sociais, tendo em vista contribuir para a formação de uma concepção sociológica dos problemas de saúde das massas, sem a qual toda organização sanitária não passará de simples paliativo.

Não desejamos, entretanto, por estar fora da índole destas simples notas de estudo, encaminhar-nos para o trato das questões metodológicas, que o assunto implicaria. Dois pressupostos, serão, assim, admitidos sem discussão: o da existência mesma das classes sociais e o da diferenciação tricotômica de tais classes, em alta, média e inferior.

A divisão tricotômica é, aliás, clássica. Desde Aristoteles que ela é admitida. Recentemente, o ilustre sociólogo mexicano Lucio Mendieta y Nuñez procedeu a uma penetrante análise de cada uma dessas três classes sociais, em que, por assim dizer, além de contribuir pessoalmente para a decifração da questão, fez obra de sistematizador, assimilando os resultados positivos a que têm chegado os sociólogos, neste campo da investigação.

Do ensaio de Mendieta y Nuñez, resumiremos a caracterização genérica das classes sociais. Segundo este autor, a classe alta apresenta os seguintes aspectos (2) distintivos (3):

(2) Naturalmente, estes aspectos genéricos, assinala Max Scheler, só se registram conforme "as leis do grande número dos casos, uma vez que todo indivíduo pode, em princípio, superar a limitação de sua classe (*Sociologia del Saber*, "Revista de Occidente Argentina", Buenos Aires, 1947, pág. 192)".

(3) Vide LUCIO MENDIETA Y NUÑEZ, *The Social Classes*, "in" *American Sociological Review*, vol. II, n.º 2, abril de 1946.

(1) Vide *American Sociological Review*, vol. II, n.º 2, abril de 1946. Nota necrológica sobre Maurice Halbwachs, de autoria de Howard Becker.

- a) posse da riqueza, do capital, do poder;
- b) forma refinada de vida material e moral, permitindo satisfazer as necessidades humanas, individuais ou coletivas, pela utilização das melhores coisas;
- c) sentimento de segurança e de orgulho de classe;
- d) reflexão orgânica, no aspecto físico, nas maneiras, dos característicos acima mencionados, constituindo tipos seletivos diferenciados como um resultado da "cultura social";
- e) conduta dominada pelas convenções sociais rigorosamente observadas, isto é, uma vida de freqüente intercuro dentro de círculos limitados;
- f) preocupação constante pela manutenção das aparências;
- g) espírito reacionário e conservador.

Em sua obra acima citada, Maurice Halbwachs concluiu que as classes altas são as que vivem conforme o *standard* ideal da sociedade, as que realizam os maiores valores sociais e mantêm a vida social mais intensa. Certas relações sociais podem ser registradas nas outras classes, mas são mais intensas nas camadas superiores e, por isto, típicas destas. Uma jovem de família proletária pode comparecer a uma festa nos salões do Itamarati. Mas isto não ocorrerá habitualmente, em sua vida, a menos que ela ascenda na hierarquia social. Caso contrário, o fato será considerado extraordinário e como tal freqüentemente narrado, à guisa de aventura...

Há, entre as classes, diferenças de estrutura psíquica. Max Scheler dá especial atenção a estas e enumera os seguintes atributos das classes altas: 1) retrospectivismo dos valores na consciência da época; 2) ponto de vista ontológico; 3) interpretação teleológica do mundo; 4) idealismo (o mundo considerado preponderantemente como uma ordem de idéias); 5) espiritualismo; 6) conhecimento apriorístico, racionalismo; 7) intelectualismo; 8) perspectiva pessimística do futuro e uma retrospectiva otimista: "os bons velhos tempos"; 9) modo de pensar baseado na identidade; 10) pensamento nativístico (4).

Para a classe média (da qual dizia Jules Romains: "cette masse de Français à la fois travailleurs et possédants, qui ont la technicité, la responsabilité ou le risque (5)"), Mendieta y Núñez indica os seguintes característicos:

- a) copia o sistema de vida da classe alta, o qual, em seu aspecto puramente formal, parece ser seu ideal constante: vestimenta, mobiliário, recreação, etc.;
- b) empresta grande importância à cultura, às ciências, à técnica, às profissões liberais, como meios de atingir o bem-estar econômico e a satisfação moral;
- c) possui um senso altamente ético e religioso;
- d) suas ambições são limitadas a obter o bem-estar e a satisfação moral, especialmente por meio do trabalho. Não dá muita importância ao objetivo de acumular riquezas;
- e) é um fator de moderação, de equilíbrio, na luta social e amortece as tendências revolucionárias do proletariado manifestando conformismo, pusilanimidade, tendência contra-revolucionária;
- f) exhibe uma profunda tendência para salvar as aparências, para observar as formas sociais, mesmo à custa dos maiores sacrifícios;

(4) Vide LUCIO MENDIETA Y NÚÑEZ, obra citada e Max Scheler, obra citada.

(5) citado por GEORGES IZARD, *Les Classes Moyennes*, ed. Rieder, Paris, 1938.

g) possui um fundamento econômico, um certo bem-estar econômico mínimo derivado da renda da pequena propriedade, juros de capital limitado, do trabalho pessoal ou da combinação de algumas ou de todas estas fontes;

h) dedica-se, preferencialmente, a trabalhos de natureza técnica (burocracia, pequenos proprietários, pequenos industriais, artífices, pequenos proprietários rurais, profissões liberais, empregados de empresas privadas, etc.).

A identificação da ou das classes médias é reconhecidamente difícil. A este propósito há muitas controvérsias entre sociólogos e economistas, como também entre os leigos. A julgar pelos resultados de algumas sondagens, a maioria do povo tende a incluir-se na classe média (6). Num "survey" realizado em 1939 por Gallup, nos Estados Unidos, 88% das pessoas se incluíram na classe média (7). Em um inquérito realizado pela revista *Fortune*, 79% dos pesquisados também se incluíram na referida classe (8). Todavia, as estatísticas oficiais dos Estados Unidos não confirmam este otimismo (Consulte-se, por exemplo, *Consumer Incomes In The United States*, National Resources Committee, Washington: Government Printing Office, 1939).

Quanto à classe inferior, seus caracteres, segundo Mendieta y Núñez, discriminam-se como segue:

- a) instrução rudimentar, freqüentemente analfabetismo;
- b) é devotada ao trabalho manual, que requer principalmente o uso da força material ou da ação física pessoal;
- c) seu sistema de vida é inferior ao da classe média;
- d) seus estilos de linguagem e de conduta são rudes;
- e) é muito religiosa, embora não compreenda, em toda a sua profundidade e abstração, os princípios de sua religião;
- f) não tem capacidade de previsão;
- g) não obstante o poder dos seus numerosos componentes, que poderiam promover, num dado momento, a subversão total da ordem existente, ela é o mais sólido suporte das outras classes e da estrutura legal que legitima as desigualdades e injustiças sociais. Este paradoxo só pode ser explicado sociologicamente.

Alfredo Niceforo, em sua obra *Força e Riqueza*, assinala os seguintes aspectos negativos da classe inferior: 1) incapacidade de aprender os mais refinados estilos psicológicos da época; 2) carência de desenvolvimento da sensibilidade moral; 3) ausência de decôro, ou sua manifestação na mais primitiva forma; 4) concepções mentais pobres e primitivas; 5) desenvolvimento intelectual estacionário; 6) incapacidade de elaborar idéias abstratas; 7) mentalidade automática, não construtiva; 8) organização defectiva dos centros de inibição, resultando disto, tendência para a impulsividade. Considerando a classe alta e a inferior como situações polares opostas, Max

(6) Vide RICHARD CENTERS, *Psychology of Social Classes*, A Study of Class Consciousness. Princeton University Press, 1949.

(7) GALLUP, G. & RAE, S.F. *The Pulse of Democracy*. New York: Simon and Schuster, 1940. Obra citada por Richard Centers, trabalho mencionado.

(8) *The People of the United States — a Self Portrait. (Fortune Surveys)*. *Fortune*, Feb. 1940, 21 (citado em Richard Centers, obra mencionada).

Scheler atribui à última os seguintes característicos: 1) prospectivismo dos valores na consciência da época; 2) ponto de vista genético; 3) interpretação mecânica do mundo; 4) realismo (o mundo considerado preponderantemente como resistência); 5) materialismo; 6) indução, empirismo; 7) pragmatismo; 8) visão otimística do futuro e retrospectiva pessimística; 9) modo dialético de pensar que focaliza as contradições; 10) pensamento inspirado pela teoria do meio.

Cada classe social é, como se vê, um verdadeiro universo específico, cuja constituição condiciona os processos de todos os fenômenos que ocorrem em seu âmbito. A análise de Mendieta y Núñez, Alfredo Niceforo e Max Scheler está a indicar que cada um de nós é menos um alguém inconfundível e original do que um lugar comum. A realidade da classe é, porém, mais efetiva do que o leigo suspeita. Ela se manifesta até biologicamente. Natalidade, mortalidade, estatura, peso, força mental são fenômenos que se comportam de maneira diferencial conforme as classes sociais. Para comprová-lo, foi elaborado o sumário de dados, que seguem, recrutados em várias obras, de estudiosos autorizados.

Num estudo sobre mortalidade, realizado em Cincinnati, no período 1939-1941, pelo Dr. Floyd P. Allen, da "Public Health Federation", foram apurados os seguintes coeficientes médios de mortalidade, entre pessoas de raça branca (9):

	Óbitos por 100.000 habitantes		
	Pneumonia	Tuberculose	Mortalidade de infantil
Renda baixíssima . . . . .	98.4	63.8	56.9
Renda baixa . . . . .	61.3	32.5	34.0
Renda intermediária . . . . .	37.1	24.7	26.4
Renda alta . . . . .	38.7	26.4	19.5

Coeficientes de mortalidade, segundo algumas causas e a classe social, na Inglaterra, em 1921-1923, considerado igual a 100 o coeficiente segundo cada causa, no conjunto das classes sociais (10):

	Bronquite	Tuberculose
"Independent class" . . . . .	24	51
Operários não-especializados . . . . .	176	137

Coeficientes de natalidade, segundo a classe social, na Inglaterra, considerado igual a 100 o coeficiente médio de natalidade de toda a população, no período 1921-1923 (11):

"Independent class" . . . . .	70
"Middle class" . . . . .	74
Operários especializados . . . . .	100
Operários semi-especializados . . . . .	116
Operários não-especializados . . . . .	127

(9) Citado por ELLERY F. REED, *Cost of Living Compared With Family Income In Seven Cities*, "in" *American Sociological Review*, vol. II, n.º 2, abril de 1946.

(10) *The Registrar-General's Decennial Supplement, England and Wales*, H. M. Stationary Office, Londres, 1927, citado "in" René Sand, *Health and Human Progress*, ed. Macmillan, New York, 1936.

(11) Trabalho referido em a nota 10.

Coeficientes de mortalidade infantil, em vários grupos sociais:

Paris, 1911-1913 (12):

Grupo dos mais ricos . . . . .	51
Grupo dos menos ricos . . . . .	69
Grupo de pobres . . . . .	107
Grupo de paupérrimos . . . . .	151

Prússia, 1880-1888 (13):

Pobres e dependentes . . . . .	421.5
Criados . . . . .	331.9
Trabalhadores comuns . . . . .	251.2
Independentes . . . . .	242.4 a 215.9
Empregados de alta categoria (privados) . . . . .	211.1
Funcionários públicos . . . . .	203.1

Oslo (Christiania), 1850-1879 (14):

Trabalhadores comuns . . . . .	191
Classes comerciais . . . . .	188
Altos funcionários públicos . . . . .	170

Coeficientes de mortalidade, por grupos de idade e segundo a classe social, em Bremen, Alemanha, 1911 (15):

	0-1	1-5	5-15	15-30	30-60	60 e mais
Ricos . . . . .	48.9	2.8	1.7	1.2	6.2	50.7
Médios . . . . .	90.9	9.2	2.5	2.7	8.6	56.1
Pobres . . . . .	255.8	26.2	4.0	6.6	13.6	50.9

Fôrça da mão direita, medida pelo dinamômetro em quilogramas, de indivíduos em diferentes idades e segundo a classe social (16):

Idade	Ricos	Pobres
7	10.0	8.6
8	11.8	10.8
9	14.5	12.3
10	15.7	14.6
11	16.7	16.6
12	19.0	18.8
13	21.5	20.0
14	24.8	23.3

(12) L. HERSCH, *L'inégalité devant la mort d'après les statistiques de la ville de Paris*, "in" *Revue d'Economie Politique*, ns. 3 e 4, 1920; citado por Pitirim A. Sorokin, *Social mobility*, cap. XI, ed. Harper & Bros., New York, s. d. (1927).

(13) GUSTAV VON MAYR, *Statistik und Gesellschaftslehre*, vol. II, Freiburg, 1897; citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. XI.

(14) H. WESTERGAARD, *Die Lehre von der Mortalität und Morbidität*, Jena, 1901; citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. XI.

(15) FUNK, *Die Sterblichkeit nach sozialen Klassen in der Stadt Bremen*, "in" *Mitt. des Brem. Stat. Amtes im Jahre*, n.º 1, 1911; citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. XI.

(16) ALFREDO NICEFORO, *Les classes pauvres*, Paris, 1905; citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. XI.

Estatura média dos indivíduos, segundo a classe social:

Soldados recrutados, procedentes de diversas regiões da Itália (17):

	Proprietários rurais	Trabalhadores rurais
Piemonte . . . . .	167,4	165,6
Lombardia . . . . .	168,1	165,8
Veneto . . . . .	168,7	167,0
Lazio . . . . .	167,6	164,2
Calabria . . . . .	166,6	163,3
Sicília . . . . .	167,1	163,4
Tôda a Itália . . . . .	167,4	164,8

Soldados recrutados, de diferentes profissões, na Itália (18):

Proprietários, profissões liberais . . . . .	167,4
Pequenos comerciantes . . . . .	165,5
Operários industriais . . . . .	165,4
Pedreiros e canteiros . . . . .	164,9

Meninos de diferentes idades, da cidade de Lausanne (19):

Idade	Ricos	Pobres
7	120.0	116.1
8	126.2	122.5
9	129.9	123.9
10	134.2	128.9
11	135.2	134.2
12	140.5	138.8
13	144.4	140.5
14	150.1	146.2

Indivíduos de algumas profissões, na Espanha (20):

Profissões liberais . . . . .	163,9
Trabalhadores comuns . . . . .	159,8

Indivíduos de algumas profissões, na França (21):

Estudantes . . . . .	168,7
Funcionários públicos . . . . .	167,4
Classes comerciais . . . . .	165,1
Trabalhadores comuns . . . . .	164,4

Pêso médio, em libras, de indivíduos de diferentes profissões, na Inglaterra (22):

Trabalhadores rurais . . . . .	140,0
Operários de siderurgia . . . . .	140,0
Pedreiros e canteiros . . . . .	134,5
Operários (de recintos fechados) . . . . .	132,5

(17) R. LIVI, *Antropometria militare*, vol. I, Roma, 1896; citado por Marcello Boldrini, *Antropometria*, cap. IV, § 30, Unione Tipografico-Editrice Torinese, Torino, 1930.

(18) R. LIVI, obra citada.

(19) ALFREDO NICEFORO, obra citada.

(20) OLORIZ, *La talla humana en España*, Madrid, 1896; citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. X.

(21) LONGUET, artigo "in" *Annales de Démographie*, 1900; citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. X.

(22) J. BEDDOE, citado por Marcello Boldrini, obra mencionada, cap. IV, § 30.

Condições físicas gerais da população, na Inglaterra, segundo a classe social (23) — números percentuais:

	Ótimas	Boas	Satisfatórias	Más
Classe pobre . . . . .	2.8	14.6	31.0	51.6
Classe média . . . . .	7.4	20.1	53.7	18.8
Classe alta . . . . .	27.4	33.8	27.4	11.4

Número de crianças defeituosas em 1.000 crianças, na Inglaterra, segundo a classe social (24):

Classe pobre . . . . .	2.8
Classe alta . . . . .	1.3

Homens de gênio aparecidos em classes sociais diferentes, na Alemanha (25) — números percentuais:

	1700-1789	1789-1818	1818-1860
Nobreza . . . . .	19.2	14.2	11.0
Alta magistratura e profissões liberais . . . . .	53.3	55.8	60.0
Burguesia (classes comerciais) . . . . .	15.3	16.4	16.4
Classes trabalhadoras . . . . .	11.9	13.6	12.4

Os resultados precisos a que chegaram em suas pesquisas, sociólogos e demógrafos, põem em evidência a necessidade de uma revisão das ciências do homem. Entre estas, interessa-nos aqui as ciências reunidas sob o nome de medicina.

O papel dos fatores sociais na formação das doenças é decisivo e seu desconhecimento leva muitos, a maioria, a não acertar com as terapêuticas adequadas aos casos. O desconhecimento dos fundamentos sociológicos dos fenômenos biológicos conduz muitos, a maioria, a confundir os efeitos com as causas e, portanto, muitas vezes, não a tratar as condições patológicas e sim a "maltratá-las", ou seja, a contribuir para a persistência das mesmas, pois quando não se identificam exatamente e corretamente as causas de um mal, a sua erradicação só poderá ocorrer por acaso, ou pelo rudimentar procedimento dos erros e das tentativas.

A incorporação dos recentes conhecimentos sociólogos na medicina individual e social tem sido retardada consciente ou inconscientemente por uns e, às vezes, até deliberadamente sabotada por figuras de projecção cujo prestígio social se mantém justamente pelo fato de terem sido aceitas desavisadamente as concepções equívocas que tais figuras patrocinaram e difundiram. Há interesses profissionais investidos que obstruem o

(23) B. S. ROWNTREE, *Poverty*, Londres, 1906. citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. XI.

(24) B. S. ROWNTREE, trabalho referido em a nota 23.

(25) FRITZ MAAS, *Über die Herkunftsbedingungen der Geistigen Führer*, "in" *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*, 1916, citado por Pitirim A. Sorokin, obra mencionada, cap. XII.

avanço e desenvolvimento daquilo que o Dr. René Sand, da Universidade de Bruxelas, chama, com propriedade, de medicina sociológica.

Uma das ciências médicas mais necessitadas do influxo da sociologia é a psiquiatria. Esta última carece, sobretudo, dos conhecimentos da ordem dos tratados neste trabalho. A psique humana não existe abstratamente. E' algo socialmente modelado dentro de configurações de classe, resultando daí que a neurose e a psicose prendem-se a contextos sociais. Hoje se percebe que a des-preparação sociológica de Freud o induziu a erros insanáveis em sua teoria, o principal dêles sendo o ter considerado o tipo de homem da classe dos clientes que freqüentavam ordinariamente o seu consultório como — o homem. Conhecesse Freud a obra de um seu contemporâneo, o sociólogo francês Maurice Halbwachs, e sua equação pessoal de médico talvez tivesse sido corrigida. De fato, em *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, editado em 1925, Halbwachs mostrava o conteúdo social dos sonhos, (a matéria-prima da psicanálise), a sua relação com os traços não materiais da cultura, "particularmente com os símbolos verbais que só adquirimos como membros da sociedade (Becker)", entenda-se, de uma sociedade particular.

Todavia, a integração da sociologia na psiquiatria tem sido feita com êxito. Para só falar em médicos, mencionem-se Karen Horney, que estudou as raízes socio-culturais da personalidade neurótica; Erich Fromm, que estudou a influência do "caráter social" nos complexos sado-masoquistas; Franz Alexander, que estudou os fatores irracionais da conduta humana; J.L. Moreno, chefe de toda uma escola (a *Sociometria*) criador da técnica psiquiátrica do psicodrama; e, por fim, o recente grupo do qual é porta-voz a revista *Sociatry*.

Manipulando dados biométricos, com atitude sociológica, vários estudiosos têm ultimamente focalizado a questão da renovação da medicina. Entre eles Bernhard J. Stern (*Society and Medical Progress*), Henry E. Sigerist (*Diseases and Civilization*), René Sand (*Health and Human*

*Progress*) Este último, em seu livro pioneiro, formulou mesmo uma definição de medicina sociológica, que seria "a arte da prevenção e da cura, considerada em sua base científica e em suas aplicações individuais e coletivas, do ponto de vista das relações recíprocas que ligam a saúde do homem às suas condições de vida".

E' quando se trata da resolução dos problemas de saúde das massas que tem pleno cabimento falar em medicina sociológica.

Se a mortalidade, geral e infantil, a mortalidade por tuberculose, a sífilis, a lepra e outras doenças, se correlacionam de maneira positiva com as classes de baixo poder aquisitivo, torna-se evidente que é na medida em que se transforma a estrutura das classes sociais ou, como diz o Dr. Pedro de Alcântara, (26) que se promove a homogeneização da riqueza espiritual e material, que se resolvem êstes problemas. Quer dizer, no tratamento de tais problemas deve ser dada primazia às medidas indiretas, que são as sociais. À luz dêste raciocínio acertado, a organização sanitária de um país como o Brasil é um aparato mais inócua do que eficiente, cujas "atividades têm sido mais ou menos inúteis", como afirma, com a sua autoridade de diretor do Serviço Nacional de Peste e de delegado do Brasil à Conferência de Organização de Saúde da ONU de Genebra, o ilustre médico, Dr. Almir de Castro.

A menos que se adote a desmoralizada concepção biológica ou darwinista do processo social, como a de certo médico espanhol que afirma que a maioria dos indivíduos das classes inferiores são tarados e que os membros de classe superior aí estão por serem biologicamente os mais indicados para as suas funções, a menos que se adote tal teoria, os dados da biometria e da sociologia diferencial demonstram, à saciedade, que a melhoria do padrão sanitário das massas deriva da elevação econômica e cultural da maior parte da população.

(26) Vide PEDRO DE ALCÂNTARA, *Causas e Remédios Sociais da Mortalidade Infantil*, São Paulo, 1945.

"A diferença entre a retribuição de caráter privado, mero preço do serviço recebido, e a taxa remuneratória, ligada a serviços exercidos por funcionários ou concessionários do Estado, província, ou municipalidade, consiste em que as prestações pecuniárias desta segunda categoria supõem duas condições, que na outra não se realizam: a execução do serviço pela autoridade pública, ou pelos seus delegados legais, e a taxação, por ato soberano, de uma contribuição obrigatória pelo mesmo serviço". Rui, *A questão dos portos no Brasil*, 1919, págs. 121-2.

★ \* ★

"São as codificações monumentos destinados à longevidade secular; e só o influxo da arte comunica durabilidade à escrita humana, só êle marmoriza o papel, e transforma a pena em escopro. Necessário é, portanto, que, nessas grandes formações jurídicas, a cristalização legislativa apresente a simplicidade, a limpidez e a transparência das mais puras formas da linguagem, das expressões mais clássicas do pensamento". Rui, *Parecer* (sobre a redação do projeto do Código Civil), pág. 5.